



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

CARTOGRAFIA DA SOCIABILIDADE: OS PERCURSOS DO IMAGINÁRIO NO COTIDIANO DA CANDELÁRIA, FAVELA DA MANGUEIRA¹

Heloiza REIS²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A pesquisa revela uma parte inusitada e pouco visitada da cidade: a favela. Entraremos pelos becos, pelas vielas, pelas casas, pelas avenidas e subiremos o grande viaduto rosa que existe na Candelária, Mangueira, para falar com o morador do morro que irá nos revelar como criam e re-criam a socialidade de rua. Vamos com o intuito de compreender o imaginário presente neste lugar no ato de compartilhar e se apropriar do espaço, no “agir urbano”, que se re-constroem na esfera do cotidiano e permitem ‘ver-a-cidade’ e pensar a historicidade do próprio processo de urbanização da cidade e da favela. A ‘rua’ comprova ser uma categoria comunicacional fundamental desse conjunto da *urbe* e que estabelece uma ‘lugaridade’, onde se podem apreender usos, sentidos e significados como formas de estetizar o espaço e a comunicação do cotidiano. A partir disso do campo da cultura, é possível identificar os fluxos modeladores de seu traçado urbano que imprimem uma particular cartografia do acaso inspirados pela dinâmica rede da sociabilidade. Michel Maffesoli em diversas obras nos lembra que a rede serve de suporte. Ela é maleável, mas nem por isso sugere fragilidade. Ela pode sustentar e ser matéria de coesão social e urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Comunicação; Imaginário; Sociabilidade; Cultura.

Na deriva da ‘favela-Babel’

“Mergulhar no ritmo das formas e dos sons, perder-se nas cores, nos corpos, sair desenhando com a imaginação a infinidade de semblantes...” (Henriques Neto, 2005: 94).

Babel³: num vale da Mesopotâmia, o sonho do homem era fazê-la tão alta que alcançasse o céu, é narrada pelo Gênesis como a primeira cidade, edificada a partir do barro e que teve sua imagem difundida através dos tempos de forma paradigmática. A

¹ Trabalho apresentado no II Seminário Interno do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ. Grupo Temático: Representações e Sociabilidade.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e graduada em Arquitetura e Urbanismo (1996) e Comunicação Social (2001) pela UGF. Atualmente é professora substituta da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e integrante do grupo de pesquisa CAC - Comunicação, Arte e Cidade do CNPq/PPGC/FCS/UERJ. E-mail: heloizareis@yahoo.com.br

³ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), torre construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

dissociação entre o homem e a natureza advém do aparecimento da cidade, surgida por volta de 3500 a.C. Já não são os humanos que se adequam à natureza. A relação se inverte. Os homens criam para si um espaço separado do rural, o urbano. E deixam de ser meros mantenedores dos ciclos reprodutivos da natureza, para se tornarem produtores, inventores, artífices do seu próprio lugar. Rompe-se o equilíbrio ecológico, se emancipam submetendo a natureza às suas exigências e projetos. O corte é muito bem simbolizado no episódio da Torre de Babel, jóia literária em menos de dez versículos. Assim, o nascimento da cidade nos chega de forma mítica, com apoio num discurso e numa imagem de representação de uma criação do homem. Como aconteceu com “Babel”, o erguimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro foi obra coletiva. Entre as muitas possibilidades de pensar a produção do conhecimento histórico do urbano no mundo contemporâneo, optamos pelo caminho do imaginário daqueles que ao longo de sua história construíram a favela.

A idéia da *deriva*⁴ em muito se adequa à nossa intenção de, inicialmente, sentirmos, nos deixarmos impregnar, de estarmos incorporados aos lugares, às pessoas e às ações que se passam no interior dessa “favela-Babel” e penetram a mente e o corpo que, por sua vez, atuam em uníssono com o meio. A idéia da deriva também deve ser relacionada com a atitude de observador da experiência, ou seja, da “observação incorporada”, para caracterizar o ambiente construído em sua experiência de viver (habitar, trabalhar, consumir, lazer, etc.), com vistas a enriquecer e conferir novo significado ao entendimento do *lugar*⁵.

A *deriva* – este modo de comportamento experimental proposto pelos *situacionistas*⁶ – pressupõe re-conhecer (ou redescobrir) a favela desconstruindo as formas culturais tradicionais e impregnadas de pré-concepções, a partir de um caminhar

⁴ “Modo de comportamento experimental, ligado às condições da sociedade urbana; técnica que consiste em passar apressado, por ambientes diversos. Designa, também e mais particularmente, a duração de um exercício contínuo dessa experiência”. Jacques, Paola B. *Apologia da Deriva*. Casa da Palavra, 2003.

⁵ Os conceitos de *lugar* são fundamentados em Yi-fu TUAN (1980), como o lugar significativo, o lugar da experiência, da história e da memória; em Christian NORBERG-SCHULZ (1979): *caráter do lugar*: orientação e identificação do homem com o ambiente e sua conotação simbólica como base existencial; e em Kevin LYNCH (1960 e 1981), pelo *sentido do lugar*: relação entre a forma do ambiente e os processos perceptivos e cognitivos humanos.

⁶ *Internacional Situacionista*, sociedade de ultra-esquerda fundada em 1958 por Guy Debord e, entre outros intelectuais, artistas alternativos e estudiosos de todo o mundo (JACQUES, 2003). Os *situacionistas*, descontentes com o modo de vida e de consumo do espetáculo imposta pelo capitalismo moderno, consideravam que o urbanismo havia se transformado em espetáculo e que as relações sociais e a participação haviam sido destruídas pelo capital.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

pelo ambiente sem uma direção ou rumo pré-definido. Ao vagar como um como um ser errante, se percebe o percurso e à medida que este se abre e atrai o olhar, os sentidos e o caminhar, cria-se a situação e são definidas as impressões que emanam do espaço. Assim, o percurso e o mapa se delineiam a partir desta mesma lógica, num compartilhamento sistêmico e integrado da comunicação e da informação – compreendida como significação em rede. Estes não se confundem, obrigatoriamente, com a geografia física.

É necessário esclarecer que se entende a comunicação, no contexto das sociedades urbanas contemporâneas, como um fenômeno e este, como um processo, que se desenvolvem em várias dimensões individuais e coletivas. O nosso foco na cidade é a favela que nos remete aos moradores que transitam em universos simbólicos de maior amplitude, ‘anteados’ ou ‘conectados’ em experiências que conformam ou formatam esse espaço a partir de suas “práticas cotidianas”.

A nossa pesquisa revela uma parte da cidade pouco visitada. Convidamos ao leitor a uma reflexão inusitada sobre a favela, pois o recorte que fazemos é no campo da cultura. Usamos a “virada cultural” como sustentação para apresentar o cotidiano da nossa cidade. Entraremos pelos becos, pelas vielas, pelas casas, pelas avenidas e subiremos o grande viaduto rosa que existe na Candelária, Mangueira, para falar com o morador do morro que irá nos revelar o significado da sociabilidade comunitária. Vamos a campo com o intuito de compreender o ato de compartilhar o espaço da cidade. Inspirados pelo imaginário de seus moradores buscamos identificar em sua experiência do cotidiano, os possíveis fluxos modeladores de seu traçado urbano que imprimem uma particular cartografia do acaso, do imaginário de lugar da favela. Essa imersão não é nova, pois esse trabalho está inserido numa pesquisa maior. Participamos do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC) do PPGCOM da UERJ/CNPq que desenvolve um trabalho de pesquisa na comunidade da Candelária desde 2004.⁷

Um lugar de contradições

Entulhos, cacos de vidros, pedaços de madeiras, vergalhões, latões de tinta. O lugar está sempre em obras. As ações dos homens da favela e os objetos que circulam

⁷ Ver trabalhos do pesquisador coordenador do CAC João Maia no INTERCOM- Comunicação para a Cidadania em 2005 e 2006 e COMPÓS- Comunicação e Cultura em 2006 e 2007.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

pelos becos reproduzem um complexo de variáveis feito de espaços dentro de espaços, sentidos dentro de sentidos, cidades dentro de cidades e becos dentro de vielas. As casas se reproduzem de maneira inesperada. As ruelas estão sempre anunciando uma obra. Espaço de obras em permanente mudança. Ao mesmo tempo em que assistimos a ancoragem em forma de histórias de moradores antigos e de escola de samba que se traduz em tradição, por outro lado, assistimos as mudanças espaciais acontecerem de maneira acelerada. O lugar é de contradições mesmo, repleto de becos de esperanças no futuro de uma obra bem sucedida, com algumas avenidas que servem de palco para festas de luzes e de sons.

Na nossa vivência com o cotidiano da favela, além de observar marcos de época, de um determinado momento que ficou gravado de diversas formas em sua relação com a cidade, buscamos trazer à tona as formas de socialidade e os registros de espacialização que acontecem na Candelária. Nossos esforços se farão no sentido de compreender as interações entre os homens que circulam pelo morro, os processos de sociabilidade e as diversidades culturais. Testemunhamos fixos e fluxos que nos envolvem em uma dinâmica de antagonismos e negociações das redes de socialidade que formam a malha da favela. Entender como determinados espaços vão se constituindo em ‘lugares do diálogo’ a partir de práticas comunicativas em rede comunicacional. O que seria uma rede comunicacional da favela? Aqui falamos da rede que se tece no cotidiano da afetividade das relações de afetividade da vizinhança e também das redes que se formam através dos computadores e que constroem comunidades de interesses. Michel Maffesoli em diversas obras nos lembra que a rede serve de suporte. Ela é maleável, mas nem por isso sugere fragilidade. Ela pode sustentar e ser matéria de coesão social.

A rua é para circulação e é também para ancoragem. É ali que encontramos os amigos, abrimos a cadeira de praia e ficamos de papo com o vizinho. Assistimos as crianças brincando. No Beco do Juarez fazemos amor em pé durante horas e escutamos os sussurros e suspiros dos casais cúmplices. Existe a possibilidade de transformação destes espaços de fluxos em espaços apropriados pelos seus moradores e desta maneira os espaços de circulação da favela se tornam espaços públicos de sociabilidade. Vivemos as contradições entre os fixos e fluxos, sem maiores problemas na Candelária.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

O espaço da favela além de ser constituído por vias e edificações, isso é óbvio, podemos ver do asfalto a beleza de suas construções. À noite com suas luzes acesas a imagem chega a ser lúdica e durante o dia a nossa imaginação é atravessada pela pergunta: como essas casas se sustentam sem projetos de um arquiteto? Porém, vamos ressaltar a importância das ‘redes de sociabilidade’ que não estão ali o tempo todo, de maneira explícita, mas que servem de ossatura para a constituição do social. Elas se materializam no espaço cotidiano da favela quando são sentidas pelos moradores. As diversas formas de ir e vir que compõem a dinâmica do local aonde o ir à “padaria da Dona Penha”⁸ está carregada de significados que ultrapassam a razão prática do cotidiano. Dona Penha não é apenas a padeira, pois sua força está além do pão que vende diariamente. Essa mulher transformou o lugar com as histórias que ouviu diariamente no seu balcão. Ela estendeu seu atendimento e colocou mesas e cadeiras e hoje não sabemos se ainda podemos chamar tal estabelecimento de padaria.

A análise a partir da noção de rede de sociabilidade implica direcionar o olhar para os moradores da favela, para as atividades e ações que empreendem, para os objetos a eles associados e que cumprem determinado papel nas associações que estabelecem entre si. A organização dos moradores da favela em uma rede de sociabilidade possibilita nas relações horizontais e colaborativas, produzir narrativas, territórios de negociação e se conectar a outras redes afetivas, que os inserem como interlocutores do mundo globalizado. Na relação entre o universal e o particular, entre unidade e totalidade se constrói a rede das relações interpessoais, e dentro dessa ‘rede’ é que o sujeito pode recriar significados e produzir sentidos ao seu espaço cotidiano.

Milton Santos nos permite inferir a emergência de outra categoria de análise que apresenta grande plasticidade: trata-se da ‘lugaridade’ que emerge entre interesses e trocas ou entre crenças e sentidos e permite perceber que, entre fixos e fluxos, mobiliza-se a corrente de informação que impregna objetos e ações e, em constante metamorfose, converte os fixos do mundo, produzido nos fluxos da cidade vivida. Entre fixos e fluxos, entre produção e sentidos, entre técnicas e ações, a ‘lugaridade’ apresenta-se como possibilidade de ‘ver-a-cidade’ que, por sua vez, permite distinguir o local e o lugar: o primeiro atua como referência da paisagem, o segundo é o pólo cognitivo onde

⁸ Há 30 anos, um dos principais pontos de referência e encontro na Candelária.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

se podem apreender usos e sentidos e através dos quais é possível, podemos dizer, construir uma cartografia da favela e migrar da constatação sociológica para a dimensão comunicativa que assinala sua história.

Assim a favela, como o “lugar do homem” é objeto de múltiplas narrativas e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem sem, por isso, uns serem mais verdadeiros ou importantes que os outros. Acredita-se no compartilhamento sistêmico e integrado da comunicação e da informação – compreendida como significação em ‘rede’. É comum alimentar curiosidades e especulações acerca do cotidiano dos que habitam a favela, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades em suas ruas, becos e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às socialidades que nesse espaço se fazem presentes. Uma mesma formação social pode abrigar como nos parece, por exemplo, a favela, diversidades e similaridades.

Desse modo os fixos e fluxos, que conformam uma rede de socialidade, e que caracteriza uma ‘lugaridade’ se aglutinam para permitir entender a favela como “espaço técnico, científico, informacional” responsável pela comunicação que caracteriza o seu cotidiano e o transforma em uma das maiores experiências da cidade.

A dimensão da socialidade

A marca da Candelária é a diversidade e a heterogeneidade nas formas de se viver na favela, formas que contrapõem ou se completam nas práticas cotidianas de sociabilidade de seus moradores, numa dinâmica original. De fora da favela, “do olho da rua”, da avenida que liga o centro do Rio aos bairros de Benfica e São Cristóvão, impressiona a fragilidade da sustentação das várias casinhas que juntas, muito juntas umas das outras conformam a sua paisagem. Nesse contexto é inegável a presença avassaladora de imagens, em aparente desorganização, gerando enorme impacto e conseqüente, “poluição visual”, pois devem ser apreendidos de maneira muito rápida, simultânea e instantânea. A favela contemporânea é um quadro, um suporte em que o olhar não se contempla só em detalhes e a informação passa a ter cor e textura no emaranhado de suas casas que se amontoam pela encosta do morro.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

A proximidade entre casa e rua causa certa cumplicidade e intimidade. A casa é a rua. A rua é a casa. Tudo faz parte de um mesmo espaço, os limites não determinam onde termina a casa e começa a rua, e moldam as formas de viver em comunidade e que tem suas fronteiras desenhadas no imaginário de seus moradores. É a socialidade no cotidiano presente nas ruas da Candelária que definem os traçados de uma mapa imaginário. Nas andanças por suas ruas e becos são construídas as especificidades e que a diferenciam das outras localidades da favela. É a “arte de moldar percursos”, “maneiras de fazer” que marcam o traçado simbólico do lugar de pertencimento (DE CERTEAU, 1994). É procurar entender o seu espaço como lugar do encontro e da comunicação, lugar da cena pública onde se desenrolam a diversidade, os conflitos, as práticas e os imaginários sociais compartilhados, as possibilidades de diálogos. A rua é estabelecida a partir de uma interação comunicativa, de socialidade, de união, de confraternização, de solidariedade, de festa. É uma comunicação que busca arrancar uma expressividade do espaço estabelecendo a possibilidade e a exigência do diálogo e dos relacionamentos, para compreender os processos de ocupação, apropriação e significação dos espaços, conferem uma cartografia particular ao seu traçado urbano.

É na dinâmica da socialidade que as ruas da favela adquirem um significado pleno de sentidos e elementos simbólicos construídos por seus moradores a partir da articulação de seus repertórios culturais à percepção do ambiente que fundamenta possíveis fluxos modeladores de seu traçado urbano, inspirados pela comunicação e pelo imaginário do lugar. Tais práticas sociais, aparentemente cotidianos e banais, criam à consistência do lugar, ou sua ‘lugaridade’, e formam uma cartografia simbólica (MAIA & KRAPP, 2005) com características próprias de experiências, idéias, crenças e opiniões. São nas ruas da Candelária que esses elementos criam formas de estetizar o espaço da favela numa ambiência – visual e sonora – “não-contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas...” pelos seus moradores. (MAGNANI, 1996, p. 45) e que podem estar contribuindo para ampliar e ancorar identidades; memórias e imaginários contidos nos referenciais e narrativas dos moradores que expressam no seu traçado urbano os laços emocionais da constituição, da pertença, da união, da crise e da re-significação da favela.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Esse próprio ato de caminhar pode ser motivo de estranhamento e admiração, afinal é a partir da observação que construímos as paisagens urbanas no seu ato de “habitar” a cidade, das formas de apropriação deste espaço por quem circula e frequenta as ruas, as calçadas, as esquinas, as praças, enfim os lugares públicos da metrópole. Segundo Michel de Certeau (1996), toda cidade é escrita pelos trajetos dos seus habitantes, cujas formas de vida deixam suas marcas nas ruas do centro urbano e assim conformam ou formatam este espaço a partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos do espaço público” que tais práticas engendram.

É uma abordagem que conduz a um encontro de especial subjetividade com a favela: olhá-la como espaço vivido, interiorizada e projetada por grupos de pessoas que a habitam e com suas relações de uso que não só a percorrem como também interferem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os (MAIA & KRAPP, 2005). A favela percorrida como um mapa pode ser um acúmulo de objetos, monumentos, ruas, painéis de escrita, textos oficiais, passagens, sons, imagens que se transformam e ensinam através da experiência cotidiana.

A rua como escrita e como toda escrita tem sua sintaxe⁹? Mas o que nos faz pensar que a rua seja uma escrita? Nesta perspectiva, a rua seria a linguagem das casas. Uma rua não é propriamente um lugar material. Uma rua só tem sentido como possibilidade de caminhada e possibilidade de um destino. Não há estrada que não leve a parte alguma — mesmo uma rua sem saída e sem prédios leva a algum lugar no qual muitos já precisaram ir. Logo, a rua só é rua porque precisamos caminhá-la, porque as casas, enquanto moradas singulares, precisam ser lidas em seu conjunto na escrita do imprevisto dos pés, consumação ortográfica da poética das casas. É no caminho que as casas tomam seqüência e sentido, escrevem um nome que vem antes de nós.

Caminhar é a única possibilidade de significar as ruas da favela, apesar dos motos que insistem em nos atropelar, pois o caminhar é parte fundamental do habitar o morro. A casa nos oferta abrigo, a rua nos impele a ir. Na favela essa idéia se mistura constantemente. A janela da sala está aberta para o beco. Se na casa nos demoramos, com a via nos ancoramos. Em nenhuma imagem, a relação com o destino, presente na

⁹ Estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

matéria celeste das casas, está tão evidente. A rua é aquela pela qual os caminhos se cruzam e se refazem em suas diversas possibilidades, o estado pelo qual as casas não se cansam de nós.

Aprendemos com Michel de Certeau em sua obra “A Invenção do Cotidiano” que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (DE CERTEAU, 1996, p. 31).

Ainda que cercado por múltiplas perspectivas de análise, considerando seus interlocutores, a originalidade da obra de Certeau está justamente no como ele inverte a forma de interpretar as práticas culturais contemporâneas, recuperando as astúcias anônimas das artes de fazer. Na perspectiva da racionalidade técnica, o melhor modo possível de se organizar pessoas e coisas é atribuir-lhes um lugar, um papel. De Certeau, ao contrário, nos mostra que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que de Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um.

“A Mangueira é mãe”: As narrativas sobre a construção do imaginário de lugar

Em nítida oposição a cidade onde predominam relações interpessoais, a favela é marcada por relações personalizadas, onde todos se conhecem e se ajudam. Os laços de parentesco também são comuns, é freqüente ocorrer namoros e casamentos entre moradores da mesma área que procuram continuar residindo nas proximidades.

Essa solidariedade vivenciada cotidianamente cria vínculos e sistemas próprios que garantem, mesmo que minimamente, os padrões de reprodução social. É neste processo que nascem alternativas coletivas para suprir necessidades comuns. Segundo Mello (2003), tais envolvimentos, que despontam com a experiência, a confiança e a



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

afeição, denota intimidade. É nessa abrangência que o imaginário de lugar da Candelária, é compartilhado e forjado pelo símbolo edificante da união entre os seus moradores, pois “trata-se de um mundo vivido e filosófico, existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias, uma ‘morada familiar’.” Através de conversas com os moradores para a realização da pesquisa¹⁰, pudemos perceber que em sua maioria, não reconhecem outros lugares fora da comunidade que vivenciem tal experiência. A Candelária e a Mangueira são apontadas nas entrevistas como o mais significativo da história de suas vidas. Eles falam com muito orgulho do lugar onde vivem “Aí, eu tenho, eu tenho muito orgulho deste lugar... Eu falo com os meus filhos sempre, se eu morrer dentro de um hospital vocês me ‘traz’ o meu corpo pra ‘qui’, vai embora daqui”¹¹.

Falar do imaginário de lugar, o resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva sintetiza a importância das histórias de vida para entender o conjunto das experiências humanas no processo histórico, ou a articulação existente entre os indivíduos e as transformações sociais que influenciaram o espaço urbano local.

“Quando eu vim pra cá aos seis anos de idade, me lembro que tinha muitos moradores, mas só que assim...tinha muito espaço...as casas tinham quintal, né, tinha espaço. Conforme foi crescendo, os ‘filho’ casando, ia aumentando aonde tinha quintal, ia aumentando mais outro cômodo (os ‘puxadinhos’), até que ficou todas as casas sem espaço nenhum ‘prás’ crianças brincar.”¹²

O começo de vida na Candelária para muitos moradores, envolveu grandes sacrifícios, embora muitas vezes a rede social atuasse como amparo nos primeiros tempos. Um exemplo disso, em meio a tantos outros, é o da Dona Maria da Penha Moreira, que há 30 anos veio para a Candelária com marido e filhos realizar um sonho: ter uma padaria. D. Penha, como é conhecida na comunidade, realizou seu desejo e na

¹⁰ Em parceria com a organização não-governamental Meninas e Mulheres do Morro, formada por lideranças comunitárias da Candelária-Mangueira.

¹¹ Depoimento no dia 11/05/2007 da D. Adineva da Cruz, 72 anos, nascida e criada na Candelária.

¹² Depoimento no dia 18/05/2007 da D. Maria das Graças da Costa Louzada Queiroz, 58 anos, nascida em Tombos de Carangola, Minas Gerais e criada na Candelária.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Rua Graciete Matarazzo¹³, apelidada pelos moradores por “Rua de Baixo” e principal logradouro da Candelária, construiu sua padaria:

“Eu gosto de todos, de todo mundo...me ajudaram muito. Eu vim pra ‘qui’...sou muito grata e agradeço...não tem como agradecer o pessoal do morro o que fez por mim, entendeu? Eu vim pra ‘qui’ eu e o meu marido, só nós dois morando num quarto de 3x3, com quatro ‘filho pequeno’...e eu tô aqui até hoje. E não tenho nada o que dizer contra do lugar...nada!”¹⁴

E com a ajuda e união da comunidade, que D. Penha se destaca como uma mulher empreendedora, criativa e com uma enorme capacidade de trabalho. Que aliás, continua firme e forte. Com um produto de qualidade e uma localização privilegiada, D. Penha chama a atenção pela maneira como se relaciona com seus fregueses. E diz com orgulho que seu estabelecimento é um “bom encontro e referência” na localidade. E, como dizia o poeta Vinícius, a vida é a arte do encontro, D. Penha soube e sabe valorizar o quanto um bom lugar, uma boa média (café-com-leite e pão francês na chapa) e uma boa conversa podem tornar as coisas mais simples, mais simpáticas e mais interessantes. D. Penha e sua família tornaram a padaria seu lugar perfeito para se conhecer os hábitos e gostos de seus fregueses. Aliás, é comum chegar e ser chamado pelo nome e ter a certeza de que o café-com-leite e o pãozinho gostoso que se aprecia serão servidos sempre naquela temperatura (nem muito quente e nem muito frio...), “Todo dia...de manhã 6 ‘hora’, e agora, 3 ‘hora’, estou aqui pra fazer o meu lanche”, fala seu Airton Crispim Côrtes, 70 anos, que religiosamente ou “mês todo”, come seu sanduíche de pão francês (com queijo e presunto) e um copo de café-com-leite.

A padaria faz parte da produção imaginária que a dinâmica social local construiu cujo conteúdo simbólico é possível de ser datado e classificado. Neste sentido, como parte de uma história, a padaria está vinculada a determinadas condições materiais e sociais, marcando distinções que estão presentes nas relações sociais do passado da Candelária como também no seu presente. Lugares e símbolos, através de laços emocionais conquistados ao longo de anos, adquirem um profundo significado.

¹³ Homenagem dos moradores “a uma grande mulher”, que trouxe várias melhorias no lugar, como: calçamento, escada, água nas casas, entre outras. É um importante símbolo do imaginário do lugar.

¹⁴ Depoimento no dia 25/05/2007 de D. Maria da Penha Moreira, 67 anos, nascida e criada em Descoberto, Minas Gerais, e proprietária da padaria Eliete Gama, nome dado em homenagem à filha caçula.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Portanto, a Candelária pode ser considerada uma comunidade imaginada porque proporciona um sentido quase religioso de pertença e camaradagem entre aqueles que se julgam compartilharem um determinado lugar simbólico. O lugar é simbólico na medida em que pode ser um espaço geograficamente unido, sedimentado por meio de sentimentos simbólicos; a configuração da paisagem, das construções e das pessoas tem sido investida com memórias coletivas que possuem suficiente poder emocional para gerar um senso comunal (Featherstone, 1997). Certos lugares podem ser revestidos de um determinado status emblemático, como a padaria da D. Penha, e usado para representar uma forma de laço simbólico que se sobrepõe e encarna as várias afiliações locais que as pessoas assumem¹⁵. Assim, a criação de uma comunidade é inventada, mas não a partir do nada. Enfatiza-se a necessidade de um repositório comum de acontecimentos, paisagens e recordações, organizados e feitos para assumir uma qualidade primordial.

É no contexto do imaginário construído pela cidade que poderemos localizar memórias territorializadas na Candelária. Território cuja organização é marcada de características e especificidades, tanto pelos objetos, moradias, comércios e pessoas que aí se encontra, quanto pela maneira de apropriar-se, utilizar-se e considerar esse conjunto de elementos. O espaço não é somente uma área geográfica, mas também uma forma de relação com os objetos estruturados numa cultura e, sobretudo, uma rede relacional de representações em que os membros de uma mesma coletividade concedem significados, geralmente reconhecidos, a elementos e características de seu espaço. Nessa abrangência “um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar” (Relph, 1976). Trata-se do existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias e, segundo Mello (2003), do sonho e da realização de abrir uma padaria, D. Penha decorre de lembranças notáveis de orgulho e do bem comum, uma significação especial “Não tem como agradecer o pessoal do morro o que fez por mim”.

“A rua Show de Bola da Mangueira está com o Brasil no Pan”

Quando se tem em mente discutir as dinâmicas de socialidade que nela têm lugar, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade no ‘agir urbano’. No

¹⁵ Ibidem, idem.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

cotidiano da favela e interessa-nos buscar a pluralidade de sentidos produzidos e em produção, sua diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam em suas ruas e são expressões da diversidade que mantém a dinâmica deste espaço.

Os processos de significação do espaço que acontecem a partir da socialidade são fundamentais, pois é através deles que podemos ver como por exemplo a rua, uma parte vital da favela, é construída e compartilhada no cotidiano. Possibilita acompanhar os movimentos, perceber sons, imagens e textos e as maneiras pelas quais se criam novas interpretações das mesmas paisagens. A favela passa a ser abordada como um espaço de comunicação, de produção de “mensagens” que marcam suas ruas, muros, como espaço polifônico de autorias variadas e conflitantes. O objetivo não é decifrar este texto, mas compreender o processo da sua constituição. Do ponto de vista do olhar da comunicação, podemos dizer que o texto polifônico da favela é produzido a partir das narrativas que resultam de relações de sociabilidade.

No ano de 2007 os Jogos Pan-americanos chegavam a cidade, e também, à Candelária. A rua denominada Avenida Neves estava sendo ornamentada para concorrer no concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizava para premiar a decoração mais criativa com o tema do Pan 2007. O concurso visava estimular a tradição do carioca de se mobilizar em torno de grandes eventos e fortalecer os vínculos comunitários dos moradores das diversas regiões da cidade. E isso me parece, cada vez mais, a vocação da Candelária. Não podíamos deixar de registrar a representação de um grande evento na cidade pela comunidade da Candelária, no seu lugar. A Candelária é participativa. Ela quer trazer para a favela o espírito do Pan.

Observamos as conversas, as tomadas de decisão, as tensões, ou seja, toda a dinâmica da construção de um imaginário do lugar que representasse um evento que mexeu com o cotidiano da cidade. Eufórico ‘Partidinho da Mangueira’¹⁶, nos fala: “Aqui na comunidade a gente faz eventos. Há 25 anos a gente realiza a tradicional festa junina. E agora estamos no concurso da Rua do Pan...’A rua Show de Bola da Mangueira está com o Brasil no Pan’ é o nosso lema desse ano”.

¹⁶ Apelido de William de Jesus Melo, nascido e criado na Candelária há 39 anos. Além trabalhar como Guarda Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, é compositor da Mangueira, dono do trailler do “campinho” e organizador da festa junina que acontece na comunidade.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Mas como a Avenida Neves se tornou a Rua Show de Bola? Partidinho diz que a rua, no caso avenida, era muito apagada, sem vida. E vislumbrou que participando de um concurso de decoração de ruas poderia trazer oportunidades para melhorá-la. Assim no ano de 2002, inscreveu a Avenida Neves no concurso ‘Rua Show de Bola’, promovido pela Rede Globo de Televisão para a Copa do Mundo de futebol. “Já é uma tradição enfeitar nossa rua. Já quase ganhamos o concurso da copa do mundo de 2002. Ficamos em segundo lugar”¹⁷.

Um grande evento, como o Pan-americano, a exemplo da Copa do Mundo, é capaz de unir as pessoas. E isso não foi diferente com os moradores da Candelária que expressaram toda a paixão pelo esporte. O mutirão é para enfeitar a rua onde eles moram. Uma tarefa feita com prazer e quem sabe até inspirada pela proximidade com o Estádio do Maracanã, palco da abertura e do encerramento da festa e lugar de competição de algumas modalidades.

A “galera” trabalha compenetrada, “no gás”, afinal tudo tem que ficar pronto, pois “a prefeitura vem aqui ver os desenhos, ver nosso trabalho”, para selecionar as ruas que estarão na etapa final do concurso. Então, imaginem, os ânimos estavam agitados e concentrados na missão de deixar tudo conforme o regulamento, perfeito, bem bonito e caprichado. E para, dessa vez não deixar margem a dúvidas, de que a “rua Show de Bola da Candelária” merece o primeiro lugar.

“Mas, graças à participação no concurso em 2002, a rua melhorou bastante, pois trouxe animação pra comunidade. Quando se aproxima o início de um evento desses, como uma Copa do Mundo e agora com o Pan, eles mesmos perguntam ‘Vai ter a rua? Vai ter a pintura?’ A gente pega as crianças para pintar os desenhos que a rapaziada faz. William vai desenhando, armando os desenhos e depois as crianças vem para pintar. Então, o barato é esse! As crianças pintam com noção do que eles têm que fazer. Então, as crianças se amarra nisso!”¹⁸

Uma comunidade em contagem regressiva. Faltavam menos de um mês para o início dos Jogos e as cores do Pan já coloriam a cidade. Em época de Pan, era hora de mostrar o orgulho em vestir a cor do Brasil. E a Candelária não ficou de fora dessa

¹⁷ Eles atribuem a culpa à Sandra de Sá, que não deu o ponto que faltava para ganhar o primeiro lugar no concurso. O 1º lugar foi para a Rua Jorge Yúdice, em Vila Isabel.

¹⁸ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

torcida. Com todas as atenções na época era para o Pan, a festa junina deste ano ficou para agosto, “As melhores festas juninas que nós fizemos aqui são em agosto. E o nome da nossa festa é até ‘Festa de Agosto que dá Gosto’. É um mês de festa, toda sexta, sábado e domingo”¹⁹.

O que mais incentiva Partidinho com a organização desses eventos é a possibilidade de divertir e alegrar a comunidade. Ele lembra emocionado de uma atração que, há alguns anos atrás, com apoio dos projetos especiais da Prefeitura do Rio, conseguiu trazer: um show de circo.

“Esse show ficou marcado para mim na Candelária. O palhaço (dá uma parada e sorri lembrando do fato)...ele fez uma graça na minha frente. Quando eu me toquei que, pela primeira vez, eu ‘tava’ vendo um palhaço de perto...e eu ‘grandão’, já ‘cascudão’, nunca tinha visto um palhaço legal. Quando eu olhei para cara das crianças, ‘tava’ todo mundo de boca aberta...aí eu me toquei que ninguém nunca viu também!”²⁰

Esse clima de festa representa para comunidade um estímulo de melhorias. Num certo sentido ela nos aproxima daquilo que de Certeau (1994) aborda em *Invenção do Cotidiano*. O autor fala de um sentido (senso) comum que reuniria uma liberdade (moral), uma criação (estética) e um ato (prática). O senso comum não divide a teoria e a prática, como se pensa normalmente, mas estaria presente numa arte de pensar necessária tanto às teorias e quanto às práticas cotidianas. Este juízo permite pensar as diversas formas de viver a simultaneidade temporal e espacial em jogo no espaço da favela.

“Essa tradição de reunir os moradores da rua também serve para formar novos amigos. Eu gosto de festa, eu gosto de participar! E incentivar as pessoas a participar também. Comunidade é isso que a gente tá vendo mesmo. É um ajudar ao outro, cada um tentar fazer pelo próximo, que o próximo vai fazer por ele. Eu acho que é por aí que se constrói a comunidade”.²¹

Tornar a rua uma festa a partir do trabalho de um grupo de moradores que não se importa em perder noites e madrugadas de sono, para que seja a mais bonita do bairro e até da cidade. “Quem não queria colaborar, quando viu o resultado, resolveu ajudar”,

¹⁹ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

²⁰ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

²¹ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

Tanta dedicação é para ver a Candelária ser campeã sempre na participação, na sociabilidade, na solidariedade, na esperança e de que viver com alegria pode ajudar e muito a passar pelas dificuldades da vida.

“A Candelária é minha moradia, é o meu lazer, diversão, meu trabalho, aqui é tudo! E pode ficar melhor, mas precisa de mais ajuda governamental. Na nossa comunidade tem muitas coisas que podem ser melhoradas e criadas. Enquanto não chegamos lá, Beto sem-Braço tinha um lema ‘o que espanta miséria é festa’. Pelo menos a festa une a todos, pelo menos naquele momento ali alegre, vai curtir, vai até esquecer que tem algum problema, pelo menos naquele momento. A festa traz alegria e a alegria o prazer de viver.”²²

O time da Candelária também está de olho no campeonato: Quem vai levar o título desta vez? Como sempre empolgado e contagiante Partidinho vislumbra que “Esse ano vai ser a Rua Show de Bola na cabeça”.²³

Referências

CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

DA MATTA, R. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A cultura do plural*. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

FERRARA, L. D’A.. Cidade: fixos e fluxos. In: SIMPÓSIO INTERFACES DAS REPRESENTAÇÕES URBANAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO, São Paulo, 2005. Anais... São Paulo: Senac, 2005.

GIDDENS, A.. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Ed.UNESP, 1991.

²² Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

²³ No concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizou para premiar a decoração mais criativa da cidade, com o tema do Pan 2007, a Rua Show de Bola da Mangueira ficou em 4º lugar.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do indivíduo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006. 232p.
- _____. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004. .
- MAGNANI, J.G.C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In:
- MAGNANI, J.G.C.; TORRES, L. (Org). *Na Metrópole. Textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.
- MAIA, J.; KRAPP, J. Comunicação e Comunidade: novas perspectivas das sociabilidades urbanas In: FREITAS, R. F. e NACIF, R. (Org.). *Destinos da Cidade: Comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.31-45.
- MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos ‘deslugares’. Revista Espaço e Cultura, Rio de Janeiro: Nepec, UERJ, n. 16, p.64-72, jul-dez. 2003.
- MORIN, Edgar, A Inteligência da Complexidade, São Paulo: Peirópolis, 2000
- PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.
- SALGUEIRO, T. B.. Espacialidades e Temporalidades Urbanas. In. CARLOS, A. F. A; LEMOS, A. (Org.). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SANTOS, M. *Técnica Espaço Tempo globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec,1994.
- _____. *A Natureza do Espaço técnica e tempo razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Por uma outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. (Org.) *A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo em fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993.



II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM

Rio de Janeiro | RJ | 4 a 5 de dezembro de 2008

SENNETT, R. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental, Rio de Janeiro:Record, 1997.

_____. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade, SP: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, R.H.A. Espaço urbano, espaço da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Belo Horizonte, 2003. Anais...São Paulo: Intercom, 2003.

SILVA, R.H.A.; GONZAGA,M.M.. Redes Culturais em Territórios Urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro, 2005. Anais...São Paulo: Intercom, 2005.